

Friedrich Engels

V. I. Lénine

1895

Transcrição autorizada



Primeira Edição: Escrito no Outono de 1895. Publicado pela primeira vez em 1896, na compilação *Rabótnik* n.º 1 e 2.

Fonte: Obras Escolhidas em três tomos, [Edições "Avante!"](#), 1977 - com base nas *Obras Completas* de V. I. Lénine, 5.ª ed. em russo, t. 2, pp. 1-14.

Tradução: [Edições "Avante!"](#)

Transcrição e HTML: [Fernando Antônio de Souza Araújo](#), junho 2006.

Direitos de Reprodução: © Direitos de tradução em língua portuguesa reservados por [Edições "Avante!"](#) - Edições Progresso Lisboa - Moscovo, 1982.

Que chama do espírito se apagou,
Que coração deixou de bater!^[N56]

[Friedrich Engels](#) faleceu em Londres a 5 de Agosto (24 de Julho) de 1895. A seguir ao seu amigo [Karl Marx](#) (que morreu em 1883), Engels foi o mais notável sábio e mestre do proletariado contemporâneo em todo o mundo civilizado. Desde o dia em que o destino juntou [Karl Marx e Friedrich Engels](#), a obra a que os dois amigos consagraram toda a sua vida converteu-se numa obra comum. Assim, para compreender o que [Friedrich Engels](#) fez pelo proletariado, é necessário ter-se uma ideia precisa do papel desempenhado pela doutrina e actividade de Marx no desenvolvimento do movimento operário contemporâneo. [Marx e Engels](#) foram os primeiros a demonstrar que a classe operária e as suas reivindicações são um produto necessário do regime económico actual que, juntamente com a burguesia, cria e organiza

inevitavelmente o proletariado; demonstraram que não são as tentativas bem intencionadas dos homens de coração generoso que libertarão a humanidade dos males que hoje a esmagam, mas a luta de classe do proletariado organizado. [Marx e Engels](#) foram os primeiros a explicar, nas suas obras científicas, que o socialismo não é uma invenção de sonhadores, mas o objectivo final e o resultado necessário do desenvolvimento das forças produtivas da sociedade actual. Toda a história escrita até aos nossos dias é a história da luta de classes, a sucessão no domínio e nas vitórias de umas classes sociais sobre outras. E este estado de coisas continuará enquanto não tiverem desaparecido as bases da luta de classes e do domínio de classe: a propriedade privada e a produção social anárquica. Os interesses do proletariado exigem a destruição destas bases, contra as quais deve, pois, ser orientada a luta de classe consciente dos operários organizados. E toda a luta de classe é uma luta política.

Todo o proletariado que luta pela sua emancipação tornou hoje suas estas concepções de [Marx e Engels](#); mas nos anos 40, quando os dois amigos começaram a colaborar em publicações socialistas e a participar nos movimentos sociais da sua época, eram inteiramente novas. Então, eram numerosos os homens de talento e outros sem talento, honestos ou desonestos, que, no ardor da luta pela liberdade política, contra a arbitrariedade dos reis, da polícia e do clero, não viam a oposição dos interesses da burguesia e do proletariado. Não admitiam sequer a ideia de os operários poderem agir como força social independente. Por outro lado, um bom número de sonhadores, algumas vezes geniais, pensavam que seria suficiente convencer os governantes e as classes dominantes da iniquidade da ordem social existente para que se tornasse fácil fazer reinar sobre a terra a paz e a prosperidade universais. Sonhavam com um socialismo sem luta. Finalmente, a maior parte dos socialistas de então e, de um modo geral, os amigos da classe operária, não viam no proletariado senão uma *chaga* a cujo crescimento assistiam com horror à medida que a indústria se desenvolvia. Por isso todos procuravam o modo de parar o desenvolvimento da indústria e do proletariado, parar a «roda da história». Contrariamente ao temor geral ante o desenvolvimento do proletariado, [Marx e Engels](#) punham todas as suas esperanças no contínuo crescimento numérico deste. Quanto mais proletários houvesse, e maior fosse a sua força como classe revolucionária, mais próximo e possível estaria o socialismo. Pode exprimir-se em poucas palavras os serviços prestados por

[Marx e Engels](#) à classe operária dizendo que eles a ensinaram a conhecer-se e a tomar consciência de si mesma, e que substituíram os sonhos pela ciência.

É por isso que o nome e a vida de [Engels](#) devem ser conhecidos por todos os operários; é por isso que, na nossa compilação, cujo fim, como o de todas as nossas publicações, é acordar a consciência de classe dos operários russos, devemos dar um apanhado da vida e da actividade de [Friedrich Engels](#), um dos dois grandes mestres do proletariado contemporâneo.

[Engels](#) nasceu em 1820 em Barmen, na província renana do reino da Prússia. O pai era um fabricante. Em 1838, [Engels](#) teve de abandonar por motivos familiares os estudos no liceu e de entrar como empregado numa casa de comércio de Bremen. Este trabalho não o impediu de completar a sua instrução científica e política. Foi desde o liceu que ele ganhou ódio ao absolutismo e à arbitrariedade da burocracia. Os seus estudos de filosofia levaram-no ainda mais longe. Predominava então na filosofia alemã a doutrina de [Hegel](#), e [Engels](#) tornou-se seu discípulo. Embora [Hegel](#) fosse, por seu lado, um admirador do Estado prussiano absolutista, ao serviço do qual se encontrava na qualidade de professor na Universidade de Berlim, a sua *doutrina* era revolucionária. A fé de [Hegel](#) na razão humana e nos seus direitos e o princípio fundamental da filosofia hegeliana segundo o qual o mundo é teatro de um processo permanente de mudança e desenvolvimento conduziram os discípulos do filósofo berlinense, que não queriam acomodar-se à realidade, à ideia de que a luta contra a realidade, a luta contra a iniquidade existente e o mal reinante, também procede da lei universal do desenvolvimento perpétuo. Se tudo se desenvolve, se certas instituições são substituídas por outras, porque é que o absolutismo do rei da Prússia ou do tsar da Rússia, o enriquecimento de uma ínfima minoria à custa da imensa maioria, o domínio da burguesia sobre o povo, não-de perdurar eternamente? A filosofia de [Hegel](#) tratava do desenvolvimento do espírito e das ideias; era *idealista*. Do desenvolvimento do espírito a filosofia de [Hegel](#) deduzia o desenvolvimento da natureza, do homem e das relações entre os homens no seio da sociedade. Retomando a ideia hegeliana de um processo perpétuo de desenvolvimento⁽¹⁾, [Marx e Engels](#) rejeitaram a sua preconcebida concepção idealista; analisando a vida real, viram que não é o desenvolvimento do espírito que explica o da natureza, mas que, pelo contrário, é necessário explicar o espírito a partir da natureza, da matéria... Contrariamente a [Hegel](#) e outros hegelianos, [Marx e Engels](#) eram materialistas.

Partindo de uma concepção materialista do mundo e da humanidade, verificaram que, tal como todos os fenómenos da natureza têm causas materiais, igualmente o desenvolvimento da sociedade humana é condicionado pelo desenvolvimento de forças materiais, as forças produtivas. Do desenvolvimento das forças produtivas dependem as relações que se estabelecem entre os homens no processo de produção dos objectos necessários à satisfação das necessidades humanas. E são estas relações que explicam todos os fenómenos da vida social, as aspirações do homem, as suas ideias e as suas leis. O desenvolvimento das forças produtivas cria relações sociais que se baseiam na propriedade privada; mas vemos hoje esse mesmo desenvolvimento das forças produtivas privar a maioria dos homens de toda a propriedade e concentrar esta nas mãos de uma ínfima minoria; ele destrói a propriedade, base da ordem social contemporânea, e tende ele próprio para o objectivo que se fixaram os socialistas. Estes últimos devem apenas compreender qual é a força social que, pela sua situação na sociedade actual, está interessada na realização do socialismo, e inculcar nesta força a consciência dos seus interesses e da sua missão histórica. Esta força é o proletariado. [Engels](#) conheceu-o na Inglaterra, em Manchester, centro da indústria inglesa, onde se fixou em 1842 como empregado de uma firma comercial de que seu pai era um dos accionistas. [Aí Engels](#) não se limitou a permanecer no escritório da fábrica: percorreu os bairros sórdidos em que viviam os operários e viu com os seus próprios olhos a miséria e os males que os afligiam. Não se limitando à sua observação pessoal, [Engels](#) leu tudo o que antes dele se tinha escrito sobre a situação da classe operária inglesa e estudou minuciosamente todos os documentos oficiais que pôde consultar. O resultado dos seus estudos e observações foi um livro que saiu em 1845: *A Situação da Classe Operária em Inglaterra*. Já atrás assinalámos o principal mérito de [Engels](#) como autor dessa obra. É certo que antes dele muitos tinham descrito os sofrimentos do proletariado e indicado a necessidade de lhe prestar ajuda. [Engels](#) foi o *primeiro* a declarar que o proletariado *não é só* uma classe que sofre, mas que a miserável situação económica em que se encontra empurra-o irresistivelmente para a frente e obriga-o a lutar pela sua emancipação definitiva. E o proletariado em luta *ajudar-se-á a si mesmo*. O movimento político da classe operária levará, inevitavelmente, os operários à consciência de que não há para eles outra saída senão o socialismo. Por seu lado, o socialismo só será uma força quando se tornar o objectivo da luta *política* da classe operária. Tais são as ideias fundamentais do livro de [Engels](#)

sobre a situação da classe operária em Inglaterra, ideias hoje aceites por todo o proletariado que pensa e luta, mas que eram então absolutamente novas. Estas ideias foram expostas numa obra escrita num estilo cativante onde abundam os quadros mais verídicos e impressionantes da miséria do proletariado inglês. Este livro era uma terrível acusação contra o capitalismo e a burguesia. Produziu uma impressão muito grande. Em breve, por toda a parte começaram a referir-se a ele como o quadro mais fiel da situação do proletariado contemporâneo. E, com efeito, nem antes nem depois de 1845 apareceu uma descrição tão brilhante e tão verdadeira dos males sofridos pela classe operária.

[Engels](#) só se tornou socialista em Inglaterra. Em Manchester pôs-se em contacto com os militantes do movimento operário inglês de então e começou a escrever para as publicações socialistas inglesas. Em 1844, ao passar por Paris de regresso à Alemanha conheceu [Marx](#), com quem se correspondia já há algum tempo, e que se tinha igualmente tornado socialista durante a sua estada em Paris, sob a influência dos socialistas franceses e da vida em França. Foi aí que os dois amigos escreveram em conjunto *A Sagrada Família ou Crítica da «Crítica Crítica»*. Este livro, escrito na sua maior parte por [Marx](#), e saído um ano antes de *A Situação da Classe Operária em Inglaterra*, contém as bases do socialismo materialista revolucionário de que atrás expusemos as ideias essenciais. *A Sagrada Família* é uma denominação jocosa dada a dois filósofos, os irmãos Bauer, e aos seus discípulos. Estes senhores pregavam uma crítica que se colocava acima de toda a realidade, acima dos partidos e da política, repudiava toda a actividade prática e limitava-se a contemplar «criticamente» o mundo circundante e os acontecimentos que nele se produziam. Os senhores Bauer qualificavam desdenhosamente o proletariado de massa desprovida de espírito crítico. [Marx e Engels](#) opuseram-se categoricamente a esta tendência absurda e nefasta. Em nome da verdadeira personalidade humana, do operário espezinhado pelas classes dominantes e pelo Estado, [Marx e Engels](#) exigiam não uma atitude contemplativa, mas a luta por uma melhor ordem social. Era, evidentemente, no proletariado que eles viam a força capaz de travar esta luta e directamente interessada em fazê-la triunfar. Já antes do aparecimento de *A Sagrada Família*, [Engels](#) tinha publicado na revista *Anais Franco-Alemães* editada por [Marx](#) e Ruge o seu *Estudo Crítico sobre a Economia Política*^[N58] em que analisava, de um ponto de vista socialista, os fenómenos essenciais do regime económico contemporâneo como consequências inevitáveis da dominação da propriedade privada. As suas relações com [Engels](#) contribuíram

incontestavelmente para que [Marx](#) se decidisse a ocupar-se do estudo da economia política, ciência em que os seus trabalhos iriam operar uma verdadeira revolução.

De 1845 a 1847 [Engels](#) viveu em Bruxelas e em Paris, aliando os estudos científicos com uma actividade prática entre os operários alemães destas duas cidades. Foi aí que [Marx e Engels](#) entraram em contacto com uma associação secreta alemã, «Liga dos Comunistas», que os encarregou de expor os princípios fundamentais do socialismo elaborado por eles. Assim nasceu o célebre [Manifesto do Partido Comunista](#) de [Marx e Engels](#), publicado em 1848. Este pequeno livrinho vale por tomos inteiros: ele inspira e anima até hoje todo o proletariado organizado e combatente do mundo civilizado.

A revolução de 1848, que rebentou primeiro em França e se propagou em seguida aos outros países da Europa ocidental, permitiu a [Marx e Engels](#) regressarem à sua pátria. Aí, na Prússia renana, tomaram a direcção da *Nova Gazeta Renana*, jornal democrático que se publicava em Colónia. Os dois amigos eram a alma de todas as tendências democráticas revolucionárias da Prússia renana. Defenderam até ao fim os interesses do povo e da liberdade contra as forças da reacção. Estas últimas, como é sabido, acabaram por triunfar. A *Nova Gazeta Renana* foi proibida. [Marx](#), que enquanto se encontrava na emigração tinha sido privado da nacionalidade prussiana, foi expulso. Quanto a [Engels](#), tomou parte na insurreição armada do povo e combateu em três batalhas pela liberdade, e, após a derrota dos insurrectos, fugiu para Londres através da Suíça.

Foi igualmente em Londres que [Marx](#) veio fixar-se. [Engels](#) em breve voltou a ser empregado, e mais tarde sócio, da mesma casa comercial de Manchester onde tinha trabalhado nos anos 40. Até 1870 [Engels](#) viveu em Manchester e [Marx](#) em Londres, o que não os impediu de estar em estreito contacto espiritual; escreviam-se quase todos os dias. Nessa correspondência, os dois amigos trocavam as suas ideias e os seus conhecimentos, e continuaram a elaborar em conjunto a doutrina do socialismo científico. Em 1870, [Engels](#) veio fixar-se em Londres, e a sua vida intelectual conjunta, cheia de uma actividade intensa, prosseguiu até 1883, data da morte de [Marx](#). Esta colaboração foi extremamente fecunda: [Marx](#) escreveu *O Capital*, a mais grandiosa obra de economia política do nosso século, e [Engels](#) toda uma série de trabalhos, grandes e pequenos.

[Marx](#) dedicou-se à análise dos fenómenos complexos da economia capitalista. [Engels](#) escreveu, num estilo simples, obras muitas vezes polémicas em que esclarecia os problemas científicos mais gerais e os diversos fenómenos do passado e do presente, inspirando-se na concepção materialista da história e na teoria económica de [Marx](#). Dentre esses trabalhos de [Engels](#) citaremos: a sua obra polémica contra Dühring (onde analisa as questões capitais da filosofia, assim como das ciências naturais e sociais)⁽²⁾, *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* (tradução russa saída em São Petersburgo, 3.a edição, 1895), *Ludwig Feuerbach* (tradução russa anotada por G. Plekhánov, Genebra, 1892), um artigo sobre a política externa do governo russo (traduzido em russo no *Sotsial-Demokrat* de Genebra, n.º 1 e 2)^[N61], notáveis artigos sobre o problema da habitação^[N62], e, finalmente, dois artigos, curtos mas de grande interesse, sobre o desenvolvimento económico da Rússia (*Friedrich Engels sobre a Rússia*^[N63], tradução russa de Vera Zassúlitch, Genebra, 1894). [Marx](#) morreu sem ter conseguido completar a sua obra monumental sobre o capital. Contudo esta obra estava já terminada em rascunho e [Engels](#), após a morte do amigo, assumiu a pesada tarefa de redigir e publicar os tomos II e III de [O Capital](#). Editou o tomo II em 1885 e o tomo III em 1894 (não teve tempo de redigir o tomo IV) ^[N64]. Estes dois tomos exigiram um trabalho enorme da sua parte. O social-democrata austríaco Adler observou muito justamente que, editando os tomos II e III de [O Capital](#), [Engels](#) ergueu ao seu genial amigo um grandioso monumento no qual, involuntariamente, tinha gravado também o seu próprio nome em letras indeléveis. Estes dois tomos de [O Capital](#) são, com efeito, obra de ambos, de [Marx e Engels](#). As lendas da Antiguidade contam exemplos comoventes de amizade. O proletariado da Europa pode dizer que a sua ciência foi criada por dois sábios, dois lutadores, cuja amizade ultrapassa tudo o que de mais comovente oferecem as lendas dos antigos. [Engels](#), em geral com toda a razão, sempre se apagou diante de [Marx](#). «Ao lado de [Marx](#), escreveu ele a um velho amigo, fui sempre o segundo violino.»^[N65] O seu carinho por [Marx](#) enquanto este viveu e a sua veneração à memória do amigo morto foram ilimitados. Este militante austero e pensador rigoroso tinha uma alma profundamente afectuosa.

Durante o seu exílio, depois do movimento de 1848-1849, [Marx e Engels](#) não se dedicaram unicamente ao trabalho científico. [Marx](#) fundou em 1864 a "Associação Internacional dos Trabalhadores», de que assegurou a direcção durante dez anos. [Engels](#) desempenhou nela, igualmente, um papel

considerável. A actividade da «Associação Internacional», que unia, de acordo com os ideais de [Marx](#), os proletários de todos os países, teve uma enorme importância no desenvolvimento do movimento operário. Mesmo após a sua dissolução, nos anos 70, continuou o papel de [Marx e Engels](#) como unificadores da classe operária. Melhor: pode dizer-se que a sua importância como dirigentes espirituais do movimento operário não cessou de crescer, pois o próprio movimento se desenvolvia sem parar. Após a morte de [Marx, Engels](#), sozinho, continuou a ser o conselheiro e o dirigente dos socialistas da Europa. A ele vinham pedir conselhos e indicações tanto os socialistas alemães, cuja força crescia contínua e rapidamente apesar das perseguições governamentais, como os representantes dos países atrasados, por exemplo, os espanhóis, romenos, russos, que meditavam e mediam então os seus primeiros passos. Todos eles corriam ao riquíssimo tesouro dos conhecimentos e experiência do velho [Engels](#).

[Marx e Engels](#), que conheciam o russo e liam obras publicadas nessa língua, interessaram-se vivamente pela Rússia, seguiam com simpatia o movimento revolucionário do nosso país e mantinham relações com os revolucionários russos. Ambos eram já *democratas* antes de se tornarem socialistas e tinham profundamente arraigado o sentimento democrático de ódio à arbitrariedade política. Este sentimento político nato, aliado a uma profunda compreensão teórica da relação existente entre a arbitrariedade política e a opressão económica, assim como a sua riquíssima experiência da vida, tinham tornado [Marx e Engels](#) extraordinariamente sensíveis precisamente no sentido *político*. Por isso a luta heróica de um pequeno punhado de revolucionários russos contra o poderoso governo tsarista encontrou a mais viva simpatia no coração dos dois experimentados revolucionários. Inversamente, toda a veleidade de voltar as costas, em nome de pretensas vantagens económicas, à tarefa mais importante e mais imediata dos socialistas russos — a conquista da liberdade política — parecia-lhes naturalmente suspeita, vendo mesmo nisso uma traição à grande causa da revolução social. «A emancipação do proletariado deve ser obra do próprio proletariado», eis o que ensinavam constantemente [Marx e Engels](#)^[N66]. E para lutar pela sua emancipação económica, o proletariado deve conquistar certos direitos *políticos*. Além disso, [Marx e Engels](#) viram com toda a clareza que uma revolução política na Rússia teria também uma enorme importância para o movimento operário na Europa ocidental. A Rússia autocrática foi sempre o baluarte de toda a reacção europeia. A situação

internacional excepcionalmente favorável em que a Rússia se encontrou depois da guerra de 1870, que semeou durante muito tempo a discórdia entre a França e a Alemanha, não podia evidentemente deixar de fazer aumentar a importância da Rússia autocrática como força reaccionária. Só uma Rússia livre, que não tivesse necessidade de oprimir os Polacos, os Finlandeses, os Alemães, os Arménios e outros pequenos povos, nem de lançar, incessantemente, a França e a Alemanha uma contra a outra, permitiria à Europa contemporânea respirar aliviada do peso das guerras, enfraqueceria todos os elementos reaccionários da Europa e aumentaria as forças da classe operária europeia. Por isso mesmo [Engels](#) advogou calorosamente a instauração da liberdade política na Rússia no próprio interesse do movimento operário do Ocidente. Os revolucionários russos perderam nele o seu melhor amigo.

A memória de [Friedrich Engels](#), grande combatente e mestre do proletariado, viverá eternamente!

Notas de rodapé:

(1) [Marx e Engels](#) declararam várias vezes que, em grande medida, o seu desenvolvimento intelectual era devido aos grandes filósofos alemães, e designadamente a Hegel. "Sem a filosofia alemã - declara Engels - o socialismo científico nem sequer existiria."^[N57] ([retornar ao texto](#))

(2) É um livro notavelmente rico de conteúdo e altamente instrutivo^[N59]. Lamentavelmente, apenas foi traduzida em russo uma pequena parte, a que contém a história do desenvolvimento do socialismo (*Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*, 2.ª ed., Genebra, 1892^[N60]). ([retornar ao texto](#))

Notas de fim de Tomo:

[N56] Os versos em epígrafe foram extraídos por Lénine do poema de N. Nekrássov *À Memória de Dobrolíúbov*. ([retornar ao texto](#))

[N57] F. Engels, Prefácio a *A Guerra Camponesa na Alemanha*. ([retornar ao texto](#))

[N58] Trata-se da obra de F. Engels *Esboços para a Crítica da Economia Política*. ([retornar ao texto](#))

[N59] Trata-se do livro de F. Engels *Anti-Dühring. O Senhor Eugen Dühring Revolucionaria a Ciência*. ([retornar ao texto](#))

[N60] Com este título foi publicada em 1892 a edição russa da obra de F. Engels *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*. Esta edição era composta por três capítulos do *Anti-Dühring*. ([retornar ao texto](#))

[N61] Lênine refere-se ao artigo de F. Engels *A Política Externa do Tsarismo Russo*, publicado nos dois primeiros fascículos da *Sotsial-Demokrat* com o título *A Política Estrangeira do Império Russo*.

Sotsial-Demokrat: revista política e literária editada no estrangeiro (Londres e Genebra) de 1890 a 1892 pelo grupo «Emancipação do Trabalho». Desempenhou um grande papel na difusão das ideias do marxismo na Rússia; no total saíram quatro cadernos. Colaboraram activamente na *Sotsial-Demokrat* G. Plekhánov, P. Axelrod e V. Zassúlitch. ([retornar ao texto](#))

[N62] Lênine refere-se aos artigos de F. Engels *Sobre a Questão da Habitação*. ([retornar ao texto](#))

[N63] Trata-se do artigo de F. Engels *Sobre as Relações Sociais na Rússia* e do epílogo deste artigo, incluídos no livro *Friedrich Engels sobre a Rússia*, Genebra, 1894. ([retornar ao texto](#))

[N64] Lênine, de acordo com a indicação de Engels, assinala como t. IV de *O Capital* a obra de Marx *Teorias da Mais-Valia*, escrita em 1862-1863. No seu prefácio ao t. II de *O Capital*, Engels escreveu: «Reservo-me a publicação da parte crítica deste manuscrito [*Teorias da Mais-Valia. - N. Ed.*] como t. IV de *O Capital*; além disso, dela eliminar-se-ão numerosas passagens que foram tratadas exhaustivamente nos tomos II e III.» No entanto, Engels não pôde preparar a edição do t. IV de *O Capital*. A referida obra foi publicada pela primeira vez sob a redacção de K. Kautsky em 1905-1910, em língua alemã. Esta edição não respeitou as exigências fundamentais da publicação científica do texto e foram adulteradas diversas teses do marxismo.

O Instituto de Marxismo-Leninismo adjunto ao CC do PCUS fez uma nova edição da obra *Teorias da Mais-Valia* (t. IV de *O Capital*) em três volumes, segundo o manuscrito de 1862-1863. ([retornar ao texto](#))

[N65] Trata-se da carta de F. Engels a J. F. Becker de 15 de Outubro de 1884. ([retornar ao texto](#))

[N66] Ver K. Marx, *Estatutos Provisórios da Associação dos Trabalhadores*, *Estatutos Gerais da Associação Internacional dos Trabalhadores*; F. Engels, Prefácio à edição alemã de 1890 do *Manifesto do Partido Comunista*. ([retornar ao texto](#))

